



**ariús**

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 16, n. 1/2, jan./dez. 2010

# Romances de História, História de Romances: o texto literário e os seus usos no cotidiano escolar universitário

---

IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA

---

Universidade Federal de Campina Grande

## RESUMO

Este artigo foi elaborado a partir de uma experiência como professor da disciplina História do Brasil III, da Universidade Federal de Campina Grande. Nesta disciplina, lançamos mão da relação história e literatura e analisamos um conjunto de obras literárias com o objetivo de problematizar as imagens e representações construídas por seus autores sobre o campo e a cidade nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX. Os autores por nós analisados foram Aluísio Azevedo, Domingos Olympio e João do Rio.

**Palavras-chave:** Literatura. História. Cidade

## Abstract

This article was developed from the experience as a teacher of History of Brazil III at the Federal University of Campina Grande. In this course, we used the relationship between history and literature and analyzed a set of literary works in order to discuss the images and representations constructed by the authors about the countryside and the city over the last decades of the nineteenth century and early decades of the twentieth century. The authors analyzed were Aluísio Azevedo, Domingos Olympio and João do Rio.

**Key words:** Literature. History. City.

---

### Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

Pós-Doutor em História pela Fundação Casa de Oswaldo Cruz. Professor da Universidade Federal de Campina Grande. Pesquisador do CNPq.

E-mail: [iburiti@yahoo.com.br](mailto:iburiti@yahoo.com.br)

Histórias, Romances. Ficção, ensino, páginas de história, metodologias. A disciplina História do Brasil III, da Universidade Federal de Campina Grande, serviu de palco para mais uma experiência didático-pedagógica, na qual os romances de escritores brasileiros serviram de mote para a confecção das oficinas, planejadas e elaboradas no primeiro semestre de 2010. Aluisio Azevedo, Domingos Olympio, Lima Barreto, o poeta João do Rio, dentre outros, foram visitados pelo olhar atento de estudantes que perceberam na ficção uma fonte para a pesquisa histórica, procurando problematizar as visões e posturas dos romancistas voltados tanto para a cidade quanto para o campo, no espaço temporal compreendido entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Para este texto, recortamos três autores (Aluisio Azevedo, Domingos Olympio e João do Rio) através dos quais iremos estabelecer contato com novos mundos, criados e imaginados pelos romancistas. Relacionar esses “mundos” com o contexto histórico-social é tarefa de historiador.

Com os olhos do presente, viajamos às últimas décadas do século XIX e às primeiras do século XX. Depois, recorreremos aos enredos fabricados pelos romancistas, objetivando mapear os romances e escritores que abordaram temáticas relacionadas aos conteúdos da disciplina. Urbanização, relações familiares, formação de núcleos populacionais na periferia das grandes cidades, migrações, secas, comunismo, manifestações religiosas, feminismo, sexualidade, fome, nacionalismo, perseguição a intelectuais de esquerda inconformados com a República nascente, enfim, uma série de assuntos foi discutida e estudada a partir da obra ficcional. Um variado número de imagens e de textos foram explorados pelos corpos docente e discente, de modo que às fontes historiográficas somavam-se as literárias; às imagens elaboradas pelos historiadores, somavam-se aquelas pensadas e mostradas pelos romancistas. Variadas paisagens humanas, urbanas e regionais nos motivaram a estudar conceitos que ganharam expressividade desde o final do século XIX, como adultério, vícios, higienização, favelização, *belle époque*, naturalismo, modernismo, regionalismo, migrações sazonais, militarismo, totalitarismo, poética urbana, dentre outros que foram sendo apresentados e problematizados em sala de aula. Cada aula parecia um palco de críticos, sendo a relação história e literatura discutida, analisada e avaliada metodologicamente. O estudo da obra literária, conduzido no interior de uma pesquisa histórico-historiográfica, preenche-se de significados muito

peculiares. Como argumenta Sevcenko (1995, p. 21), “a literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos”.

Nessa viagem ao passado, encontramos Aluisio Azevedo (1857-1913), literato que nos apresentou a formação dos cortiços na periferia das grandes cidades, principalmente no Rio de Janeiro no início da República, visitada pelas reformas urbanas de Pereira Passos e pela redefinição dos espaços públicos. O romance *O cortiço*, publicado em 1890, foi trabalhado em forma teatral, momento em que os alunos construíram um cenário do Rio de Janeiro, representando um momento histórico marcado pelo “bota-abaixo”, pelos conflitos entre polícia e encortiçados e pela exclusão dos moradores pobres do centro da cidade para a periferia. Além disso, outros temas foram discutidos a partir do enredo da obra, dando visibilidade às sexualidades narradas, aos conflitos entre casais, aos interesses sócio-culturais que marcavam a face dos personagens. A escravidão e a vida dos ex-escravos foram postas em discussão, mostrando um pouco das práticas cotidianas inventadas por homens e mulheres em seu tempo e espaço. As astúcias do personagem João Romão, a sensualidade de Rita Baiana, as dores de Bertoleza. Os alunos procuraram mostrar que, na perspectiva da higienização pública, a população pobre é vista e dita como animal, dotada de instintos incontroláveis como é o caso de Rita Baiana, incapaz de exprimir sentimentos delicados. Dessa forma, “as astúcias da ordem e as ilusões do progresso” foram discutidas durante a apresentação das oficinas.

Os alunos procuraram mapear a geografia de vários grupos sociais, as diversas maneiras de jogar e desfazer o jogo do outro, as atividades sutis, tenazes, resistentes, de grupos ou personagens que, por não terem um espaço próprio, têm que jogar contra o outro. Estratégias de combatentes, lances, prazer de alterar as regras do espaço opressor, de tornar desacreditada a polícia, de tornar o cortiço uma geografia na qual, além da dor e da tristeza, outras coisas se encontram: a alegria, a dança, a festa, a arte de ser feliz nesse espaço habitada por gente trabalhadora:

[...] as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da

obrigação (AZEVEDO, 1981, p. 10).

A partir da leitura de *O Cortiço* e de outros textos complementares, os alunos destacaram que, no discurso higienista presente na referida obra, a representação do pobre estrutura-se em função da imundície. O pobre é elaborado como o outro da burguesia, simbolizando tudo o que ela rejeita em seu universo. É desenhado como um sujeito feio, animalesco, fedido, rude, selvagem, ignorante, bruto, cheio de superstições e crendices, muitas delas herdadas do período colonial. É através do pobre que os segmentos ricos projetam seus dejetos psicológicos. O pobre representa o lado negativo do rico, sua sombra, seu outro. Conforme Margareth Rago, Aluísio Azevedo sente náuseas com o cheiro repugnante do povo amontoado nos cortiços, gerados espontaneamente como vermes (RAGO, 1984, p. 175):

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no estercor (AZEVEDO, 1981, p. 26).

Dessa forma, o discurso higienizador e controlador torna-se o vencedor em *O Cortiço*. A casa pobre, insalubre, imunda e feia é apresentada como origem da doença, da degradação moral, da ameaça política. Para tanto, destrói-se o cortiço. Elimina-se o mal pela raiz. É a solução final para erradicar doenças e desalojar os vícios morais. Destruir o cortiço significa, para o poder público, lutar contra a insalubridade dos bairros periféricos da cidade. É a vitória do discurso higienista sobre o pobre, o outro da sociedade.

Nessa volta ao tempo, marcamos encontro com Domingos Olympio (1851-1906), um romancista cearense que nos ajudou a entender, mediante o romance *Luzia-Homem*, o cotidiano de homens e de mulheres pobres do interior nordestino, assustados pelo sol e acuados pela seca. Diferentemente de Aluísio Azevedo, a família romanceada por Olympio tem outra fisionomia. A paisagem desenhada pelo autor mimetiza seus sentimentos em relação a situações de fome e de seca, de sol e de causticidade. São dias e mais dias de céu límpido, de azul polido e luminoso, sem indícios de auspiciosa mudança de tempo. Não havia chuva no céu, não havia água na terra. Havia sede. Havia morte. Não se encastelavam no horizonte os colossais flocos a estufarem como forte espuma. As nuvens pareciam ter preconceito contra o escuro, o negro, e dia-a-dia surgiam brancas no firmamento. À noite, constelações de rutilante esplendor

tauxiavam o firmamento, e a lua percorria, melancólica, a silenciosa senda. O Ceará estava sem água. As vidas estavam sem forças, quase mortas. Mas havia corpos a andar, a vagar, a procurar brejos e cacimbas, um tiquinho de água para afugentar a segura da garganta. Os locais de significância geográfica elaborados pelo narrador foram em torno dos locais de retirantes, dos mundos de flagelados:

Pela encosta de cortante picarra, desagregado em finíssimo pó, subia e descia, em fileiras tortuosas, o formigueiro de retirantes, velhos e moços, mulheres e meninos, conduzindo materiais para a obra. Era um incessante vai e vem de figuras pitorescas, esqueléticas, pacientes, recordando os heróicos povos cativos, erguendo monumentos imortais ao vencedor (OLYMPIO, 2003, p. 2).

Os personagens de *Luzia-homem* são em tudo bem diferentes daqueles desenhados e narrados em *O Cortiço*. *Luzia-homem*, publicado em 1901, retrata os homens e mulheres sertanejos marcados pela migração, pelas idas e vindas em tempos de seca e em busca da chuva. É um romance que narra a seca de 1878 no interior do Ceará a partir do naturalismo e do determinismo geográfico. Fotografa os magotes de homens e mulheres heróicos, “atravessando montanhas e planícies, por estradas ásperas, quase nus, nutridos de cardos, raízes intoxicantes e palmitos amargos, devoradas as entranhas pela sede, a pele curtida pelo implacável sol incandescente” (OLYMPIO, 2003, p. 2). Como observa Olympio (2003), a seca trazia às cidades pedaços da multidão, pedaços de vida varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado pelo sol, como terra de maldição ferida pela ira de Deus. Um Apocalipse nordestino! A cada dia, assustadas pela fome e pela seca, chegavam esqueléticas criaturas de aspecto horrípilante, esqueletos automáticos dentro de fantásticos trajes, rendilhados de trapos sórdidos, de uma sujidade nauseante, empapados de sangue purulento das úlceras que lhes carcomiam a pele, até descobrirem os ossos, nas articulações deformadas. Eram homens, mulheres, crianças. Esqueletos falantes, balbuciantes, um vale de ossos secos que caminhava lento sob o céu límpido, sereno, de um azul doce de líquida safira, sem nenhuma nuvem mensageira de esperança, nenhuma nuvem negra do tamanho da mão de um homem. Os corpos andantes estavam cheios de poeira resultantes dos intermitentes redemoinhos a sublevarem bolsões de pó amarelo, envolvendo como um nimbo, a trágica procissão do êxodo:

O sertão ressequido estava quase deserto: campos sem gados, povoações abandonadas. E a constante, a implacável ventania, varrendo o céu e a terra, entrava, silvando e rugindo, as casas vazias, como fera raivosa, faminta, buscando e rebuscando a presa, e fazendo, com pavoroso ruído, baterem as portas de encontro aos portais, num lamentoso tom de abandono (OLYMPIO, 2003, p. 20).

Mas a seca e o sofrimento não foram as únicas temáticas de nossas aulas, pois fugimos de um tipo de leitura muito recorrente na crítica literária e procuramos compreender outras possibilidades de imagens que os romances nos proporcionavam: as festividades religiosas, presentes nos dois romances de cunho regionalistas. As quermesses e as festas de padroeira, patrimônios imateriais bastante recorrentes no cenário das pequenas cidades, foram objetos de investigação por parte dos estudantes a partir das obras literárias. Como assinala Domingos Olympio:

Nessa evocação saudosa de um passado morto, ressurgiram as adoráveis peripécias da infância, os episódios da vida de adolescente na penumbra da puberdade, salteada pelas primeiras investidas dos instintos; as festas, os Sãos Gonçalves, os Bumba-meu-boi, as vaquejadas, as caçadas de avoantes nos bebedeiros, a colheita dos ovos que elas, abatendo-se em nuvens sobre as várzeas, punham aos milhões, junto dos seixos, das toiceiras de capim, ou nas barrocas feitas, durante o inverno, pelas patas do gado (OLYMPIO, 2003, p. 37).

Outros momentos da história do Brasil foram também analisados. A elite política e intelectual, o espaço urbano e suas seduções, foram temas explorados a partir da leitura de *A Alma Encantadora das Ruas*, escrita por João do Rio e publicada em 1908. Através dessa obra, os alunos exploraram o espaço urbano como territórios desejados por homens, mulheres, ricos e pobres, trabalhadores e vagabundos, senhoras moralistas e meliantes, homens de negócios e pedintes. Por ela passam os sábios e os charlatães, as celebridades e as procissões de rebeldes. Interagindo com outros textos, a equipe de alunos mostrou as ruas como constitutivas do aparelho circulatório de andantes, de negociantes, territórios nos quais circulam memórias e economias simbólicas. As ruas, portanto, são a geografia de desejos e de perversões, de manifestos e procissões, de passeatas, de protestos e aclames religiosos. As ruas são territórios de consumo e de formação de identidades e cultura histórica. As ruas encantam com seus códigos, com suas histórias, com seus crimes. As ruas têm fôlego, memórias para serem revisitadas através de profissionais

interessados em compreender, no patrimônio histórico-cultural urbano, os signos que educam os sentidos de moradores e transeuntes. “A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte” (RIO, 2010, p. 16). A rua é vida, é encanto, é fabricação humana:

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas (RIO, 2010, p. 16).

As ruas possuem almas, como escreveu o cronista carioca João do Rio, nos idos dos anos 20 do século passado, referindo-se aos espaços urbanos do Rio de Janeiro. Mas as ruas foram abandonadas, por décadas, como objetos de investigação do historiador, preso a conceitos que as excluía como possuidoras de historicidade. Estudar as ruas é um convite à história urbana, perscrutando a memória da cidade e a cidade na memória. É um convite de amor à cidade:

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia, Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua (RIO, 2010, p. 15).

Estudar as ruas é compreender a educação num sentido amplo, procurando problematizar a documentalidade e a pedagogia da memória através de suas placas, de suas praças, de seus habitantes, das lojas situadas em cada esquina, em cada micro-espaço, disputando clientes com as outras de ramo comercial semelhante. Estudar as ruas é verificar de que maneiras a cultura histórica pode ser trabalhada mediante práticas pedagógicas que entendam o patrimônio histórico-cultural enquanto espaço de memória, de transmissão de saberes e de constituição de identidades, pois as ruas fazem parte de uma pedagogia da memória que envolve

história local, acontecimentos históricos de cunho nacional e regional, emancipação política, além de construir uma paisagem de nomes de personalidades diversas, tais como mestre-escola, professoras, parteiras, agricultores, comerciantes, religiosos, políticos, dentre outros que desfilam no panorama sócio-cultural da urbe enquanto construtores de tempos e de templos, de cartografias, de práticas locais de consumo e lazer.

Nos diversos nomes de ruas, não temos apenas um patrimônio histórico-cultural a ser preservado, mas um acervo que auxilia na produtividade de memórias várias que fazem parte de um diálogo entre o presente e o passado, entre a história e a educação patrimonial, entrelaçando vozes, vivências, gestos, subjetividades, falas, posturas, escolhas, educação do olhar e do consumir, do sentir, do fazer e do ensinar histórias, do construir uma memória plural. Essa postura amplia o conceito de patrimônio cultural expresso na Constituição de 1988, e rompe, mais uma vez, com a historiografia positivista pautada na concepção tradicional de preservação da ação dos “heróis nacionais”, na perpetuação da história oficial baseada no culto à genealogia da nação em detrimento de outros sujeitos históricos.

Há histórias de vidas registradas nas tabuletas que, muitas vezes, passam despercebidas pelo olhar do andante nada curioso. A rua é uma produção territorial que, quase nada seria, se não fosse batizada. Anônima, não teria vida, não teria glória nem tragédias, não seria lembrada. Mas as ruas não são unívocas. Em cada cidade, elas foram definidas e redefinidas ao longo dos anos, mas foi no início do século XX que a sua fisionomia ganhou nova expressividade, com a emergência de novas práticas de consumo, de consultórios médicos e de cartazes propagandísticos. As ruas ganharam roupas, modelos, trajas diferentes. O povo vestiu a rua para não esquecê-la. “A estética, a ornamentação das ruas, é o resultado do respeito e do medo que lhes temos...” (RIO, 2010, p. 31).

Dessa forma, as obras literárias e as crônicas de João do Rio foram escritos que nos serviram de fonte histórica. Metodologicamente, fizemos um trabalho para melhor situar o aluno em relação à produção literária de cada autor, obedecendo aos seguintes critérios:

1. Quem é o autor? A pesquisa sobre a autoria possibilita compreender quem era o escritor e qual o seu envolvimento político e social. Apresentar traços biográficos do escritor contribui para que o aluno compreenda o contexto histórico-literário em que viveu e escreveu.

2. Qual a época que o romance aborda? Aproximar a obra ao contexto na qual a mesma se insere é uma metodologia que dar mais clareza aos conceitos e vocábulos que estão presentes no romance e que, muitas vezes, não são compreendidos pelo leitor. Dessa forma, ao ler Graciliano Ramos ou Rachel de Queiroz, por exemplo, o leitor deve entender o movimento regionalista nordestino e a inserção de uma literatura modernista no cenário nacional a partir dos anos 30. O mesmo ocorre com outros regionalistas, a exemplo de Érico Veríssimo, Bernardo Elis e Jorge Amado. Para fugir dos anacronismos, as expressões regionais do Rio Grande do Sul, do Ceará, da Bahia, das Alagoas, de Goiás, dentre outras, devem ser estudadas a partir do contexto histórico em que a obra foi produzida.

3. Quais as temáticas mais recorrentes no romance? Essa pergunta permite relacionar o romance com os conteúdos da disciplina, de forma que a obra literária seja lida como um texto complementar, mas não inferior a outros textos.

4. Quais os romances que mais se aproximam tematicamente? Essa indagação é fundamental para que o estudante compreenda que em um mesmo período histórico vários autores dialogaram diferentemente, ou não, com o mesmo tema.

5. Que figuras de linguagem são mais recorrentes no texto? Este exercício, que exige do professor tempo e dedicação à leitura, é fundamental para a compreensão da escrita do romance. A obra *Meta-História*, de Haydem White, é uma indicação bibliográfica que poderá auxiliar no mapeamento dessas figuras.

6. Que diálogos podem ser estabelecidos entre a produção literária e a produção historiográfica? Levando em consideração que o historiador busca uma forma de verdade e o romancista preocupa-se mais com a verossimilhança, é importante, antes de solicitar a leitura dos romances, apresentar uma discussão teórico-metodológica entre história e literatura. Como exemplo, podemos indicar autores como Haydem White, Carlo Ginzburg, Edgar de Decca, Sandra Pesavento, dentre outros.

Portanto, o uso do romance na sala de aula de história é uma fonte que não deve ser desprezada, mas valorizada como páginas de memórias sobre épocas e lugares, ritos e costumes, práticas culturais e manifestações sociais que



foram captadas pelo olhar do escritor. São páginas de romances, romances de história.

### **Sugestões para os professores trabalharem pesquisa histórica através dos romances.**

1. Os romances devem ser selecionados pelo professor e organizados a partir de várias temáticas: família, sexualidade, religião, política, urbanização, manifestações culturais, regionalismos, dentre outras.
2. Organizar traços bio-bliográficos do autor para apresentar à turma no momento da discussão da obra literária. Deixar claro a que escola literária o autor da obra era simpatizante.
3. O professor deve ter o cuidado de mostrar as mudanças temporais para não cair nos anacronismos. Antes da discussão do texto literário, é aconselhável uma aula sobre os modos de escrever de cada década e de cada região. Os anos 50, por exemplo, diferem muito da escrita literária das décadas finais do século XIX.
4. As expressões regionais devem ser elencadas para dar mais clareza à leitura. Um mini-dicionário pode ser criado pelo professor. Aluísio Azevedo e Domingos Olympio, por exemplo, usam freqüentemente vocábulos comuns à região na qual está ambientado o enredo.
5. Os alunos devem ser envolvidos na pesquisa buscando informações sobre outras obras do autor e sobre as obras que foram adaptadas para a televisão e para o cinema.
6. O ensino de história através dos romances literários também traça caminhos para pensar a inter e a transdisciplinaridade, de modo que o professor mantenha diálogos com professores de outras áreas do saber (Letras, Geografia, Jornalismo). Caso a pesquisa seja para escolas de ensino Fundamental ou Médio, os professores de português, geografia e artes devem ser convidados a participar.

### **REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, A. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Abril, 1981.

CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GINZBURG, C. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

OLYMPIO, D. *Luzia-homem*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

RAGO, M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

RIO, J. do. *A alma encantadora das ruas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 3 jun. 2010.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WHITE, H. *Meta-história*. São Paulo: UNESP, 1994.

---

Recebido em março de 2010.

Aprovado em abril de 2010.

---